

«Como o exército dos Estados Unidos chegou à terra dos Muçulmanos.

Americanos em terras de infiéis



(Condensação autorizada do «Guia portatil da África do Norte», opúsculo preparado pelo Serviço de Abastecimento do Exército Norte-Americano.)

CONQUISTAR a amizade dos «mouros» de África é um passo importante para ganhar-se a guerra. É que estes povos podem ser amigos preciosos ou inimigos solertes; tanto podem fornecer-nos água como envenenar as fontes, guiar-nos através do deserto como ensinar caminhos errados; são tão capazes de contar-nos o que fazem os alemães e os italianos, quanto de transmitir-lhes as minúcias dos nossos passos. Além disso, são produtores de gêneros de primeira necessidade.

Poucos sabem ler ou escrever. Julgam as coisas de acordo com o que vêem ou com o que ouvem. Para eles os europeus, militares e civís, têm sido quase sempre dominadores inescrupulosos; por isso recebem com suspeita qualquer força invasora, enquanto esta não demonstre suas boas intenções. Deve-se evitar, pois, qualquer referência ou elogio aos europeus locais, bem como imitar-lhes a conduta, e aceitar com reserva o que eles digam dos nativos.

Como parte dos minuciosos preparativos para a maior expedição marítima da história, o exército norte-americano organizou, destinado às tropas, um «Guia de Bolso do Norte de África». «O fim deste trabalho—diz o livro ao soldado—é preveni-lo contra qualquer rata ao tratar os africanos do norte, com cuja amizade e cooperação contamos».

A maior parte dos dezessete milhões de habitantes da África do Norte têm tez clara, ainda que muitos possuam sangue negro. Andam completamente vestidos, mais bem vestidos do que nós, se é que se pode medir o vestuário por metros.

O forasteiro fica surpreendido com a variedade de povos e a quantidade de idiomas falados. O único vínculo comum é a religião maometana.

A Fé do Islã

SOB O NOME DE ALÁ OS maometanos adoram o mesmo Deus dos Cristãos e Judeus. Os muçulmanos referem-se respeitosa e a Abraão, Moisés e Jesús. As mesquitas não são templos, mas centros de reunião. Não há sacerdotes. Não se devem julgar estes povos como herejes, pois são todos muito religiosos.

Os islamitas do norte da África acreditam no mau olhado. Qualquer pessoa, para eles, pode, inconscientemente, possuir esse poder maléfico que agirá contra aquele que por ela seja olhado com inveja. Devido a tal crença, um muçulmano se aborrece quando alguém lhe diz: «Você está hoje com excelente aparência,» ou «Que bonito é o seu filho,» a não ser precedido de uma frase como «*el hamdu li 'Allah*», que

teiro. Nos casos de partos anormais, não deve o especialista empregá-lo, mas, se o fizer, torna-se necessário ter paciência e cuidado especial. Observadas as devidas regras, o resultado é maravilhoso.

No artigo acima mencionado, lê-se que o caso de parto mais rápido levou apenas 35 minutos depois da primeira injeção, e no mais longo—tratava-se de uma senhora que ia ser mãe pela primeira vez—o método foi usado durante 30 horas, sem, entretanto, a paciente sentir a mais leve dor, e sem nenhum perigo para ela ou para o bebê.

No Hospital do Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos, em Stapleton, Nova York, onde os drs. Hingson e Edwards iniciaram a prática da nova técnica, das cem primeiras parturientes, enquanto 11 já tinham tido filhos, as outras 89 eram primíparas. Algumas das pacientes múltiparas disseram que a diferença entre o novo e o antigo método era enorme, realizando-se o parto sem dor e sem malestar. Num desses casos, a parturiente interrompeu o almoço, para ir à sala de partos, onde deu à luz, voltando logo depois para terminar a refeição.

O novo método de parto sem dor já foi aplicado a 589 pacientes, em 19 hospitais de escolas médicas e outras instituições, tais como a Clínica Mayo e o Hospital Walter Reed, em Washington.

O dr. Francis R. Irving, professor substituto de obstetrícia na Escola de Medicina da Universidade de Syracuse, que teve oportunidade de experimentar o novo método, exprime-se nestes termos a respeito: «Não há dúvida que o método evita qualquer dor no trabalho do parto, e não causa dano à mãe ou ao bebê.» Outra opinião de valor, é a do dr. Norris W. Vaux, professor de obstetrícia no Jefferson Medical College

e obstetra no Hospital de Parturientes de Filadélfia:

«Nossa experiência no Hospital de Parturientes de Filadélfia, desde julho, com o método da anestesia coccígea contínua, tem dado grandes resultados. Evita a dor em cem por cento dos casos, e é isento de perigo, quando usado como aconselham os drs. Hingson e Edwards. A técnica requer conhecimento e cuidado por parte de quem a pratica.»

Recentemente, um parteiro de San Antônio (Texas) escreveu-me, relatando o caso de sua esposa:

«Antes de mais nada, quero dizer-lhe que este método de analgesia obstétrica é maravilhoso. Não conheço nada que se lhe compare... Imediatamente após à injeção inicial, minha mulher não se queixou mais de dor, e a duração do parto, a meu ver, foi grandemente diminuída. A paciente ficou na sala de parto apenas meia hora, e mãe e filho nada apresentaram de anormal.»

Alguns especialistas que têm aplicado o método, observaram que apenas em cerca de 10 a 15 por cento dos casos a dor não é eliminada por completo; outros, ainda em menores porcentagens. Mas, mesmo nesses casos, a dor é bastante atenuada.

Uma coisa é certa: têm sido registradas centenas de casos de parto sem dor, pelo emprego desta técnica. O método está ainda naquilo que se chama, na moderna ciência médica, a fase de experimentação. Só deve ser empregado nos hospitais e por obstetras familiarizados com a técnica, em parceria com anestesistas.

Devidamente usado, não há dúvida que o método de parto sem dor representa uma das maiores conquistas da moderna ciência médica.